

FUNDAÇÃO SERRALVES



COMUNICAÇÃO SOCIAL • PRESS RELEASES • ARQUIVO • 2005 • EXPOSIÇÃO JOÃO PENALVA

Artista português apresenta selecção de vídeos e instalações bem como uma nova obra especificamente criada para o Museu de Serralves

JOÃO PENALVA

04 FEV-10 ABR 2005

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SERRALVES

Comissário: João Fernandes

Co-Produção: Fundação de Serralves, Ludwig Museum (Budapest), Irish Museum of Modern Art (Dublin)

O Museu de Arte Contemporânea de Serralves apresenta, entre 4 de Fevereiro e 3 de Abril, a exposição de João Penalva, artista português residente em Londres cuja obra se tem afirmado internacionalmente ao longo dos últimos dez anos. A exposição apresenta uma selecção de vídeos e instalações que associam a imagem à exploração narrativa de factos ou ficções onde a dimensão linguística da tradução assume uma clara relevância conceptual. O artista sobrepõe objectos, suportes e narrativas fragmentárias, produzindo uma complexa teia de significados, que interrogam a memória e o modo como a cultura é traduzida, mediada e apresentada. A exposição é organizada pelo Museu de Serralves, sendo co-produzida pelo Museu Ludwig (Budapeste) e pelo Irish Museum (Dublin).

“Por muito que eu insista neste ou naquele percurso no meu ainda irreprimível desejo de controlo, o meu trabalho, tal como a minha vida, está inexoravelmente ligado à vida dos outros, aos seus desejos, à sua generosidade, (...) e eu acolho tudo isso como uma infinita oferta de caminhos, (...) que gosto de percorrer. É claro que devemos viajar com pouca bagagem e nisso reside muito do sucesso da viagem. Que quantidade de coisas devemos levar connosco do último lugar onde estivemos?”

João Penalva

NOTA BIOGRÁFICA

João Penalva nasceu em Lisboa em 1949. Em Londres, estudou na Chelsea School of Art, entre 1976 e 1981. Desde então tem vivido e trabalhado na capital inglesa. A sua primeira exposição individual realizou-se em 1983 no Porto. Do seu extenso percurso, consolidado ao longo dos últimos dez anos, destacam-se as exposições individuais realizadas no Centro de Arte Moderna, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (1990), no Centro Cultural de Belém, Lisboa, (1999), no Camden Arts Centre, Londres (2000), entre outras instituições nacionais e internacionais. Destacam-se também as participações na XXIII Bienal de São Paulo, em 1996, na II Bienal de Berlim e na Bienal de Veneza em 2001, como representante de Portugal, assim como na Bienal de Sidney, em 2002.

OBRAS EM EXPOSIÇÃO

Clock (2000) / Teach Touch (2000)

Estas duas peças sonoras resultaram de uma investigação levada a cabo por João Penalva em torno das histórias de três hospitais londrinos. Em “Clock”, peça instalada na entrada do Museu, o artista cria uma composição sonora intensa e repetitiva, tendo para isso utilizado um fragmento do Messias, de Handel, numa gravação de 1952, interpretada por Kathleen Ferrier - cantora lírica que nos anos 50 foi paciente do Middlesex hospital. A sua voz marca a hora, ouvindo-se a cada 15 minutos alguns acordes que quebram o silêncio: “and acquainted with grief” (“e sentido o sofrimento”) é a frase que ecoa pelo espaço. Clock é um trabalho sobre a ausência, sobre o sentimento de perda, sobre a esperança de sobreviver à dor. Em “Teach Touch”, “nobody can teach you” (“ninguém te pode ensinar”) são as palavras pronunciadas pelo Dr. Morley, colaborador de Alexander Flemming, bacteriologista que em 1932 descobriu a penicilina no St Mary’s Hospital, em Paddington. Esta frase é reestruturada numa sequência que explora os efeitos poéticos e sonoros das palavras.

A Pintura Branca (1995); Vanitas (2000); A Série Kouka-doro (2002); A Escola de Fotografia (2004) - O artista apresenta nestes projectos um conjunto de histórias de objectos, situações e factos que surgem documentados através de uma relação entre texto e fotografia. A caligrafia junta-se ao livro ou à dactilografia numa composição visual que explora ritmos gráficos entre os diferentes suportes. Estas ficções fazem parte da cadeia de acontecimentos, coincidências e desencontros que moldam os seus projectos e a sua percepção do tempo.

O Cabelo do Sr. Ruskin / Mr Ruskin’s Hair (1997) - Na sequência do convite da South London

